
Tertúlia

ARTE E ECONOMIA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

As artes plásticas como instrumento estratégico de desenvolvimento insular

25 de Abril de 2012

Das 19:00 às 21:00 h

Consultora *Planifica*, Sala de reuniões, Praça Lesseps 30 (Casa Ramos), Barcelona.

Entrada: 8 pessoas

Tertuliano convidado:

OLAVO AMADO,

Artista plástico são-tomense, colaborador da galeria *Teia d'Arte* e da *Casa das Artes, Criação, Ambiente e Utopia (CACAU)*, da Cidade de São Tomé (Ilha de São Tomé).

Com a introdução de:

ISIDOR TORRES-MAYANS,

Político, diretor da consultora *Planifica*, de Barcelona, firma anfitriã do ato.

XAVIER MUÑOZ-TORRENT,

Geógrafo e mestre em gestão pública, presidente da *Associação Caué, Amigos de São Tomé e Príncipe*.

Apoio:

O ato conta com o apoio da empresa *Planifica* e da empresa *Consultores de Gestión Pública* para a gestão do evento, ambas as duas de Barcelona.

Introdução

Isidor Torres-Mayans introduz o ato, dando as bem-vindas aos presentes e agradecendo a oportunidade de converter a sede da firma *Planifica* em palco para falar de um aspecto crescente na planificação estratégica que é a ligação das sociedades modernas com a criatividade. Arte e economia são cada vez mais conceitos estreitamente ligados, pois nos tempos atuais é impossível falar de desenvolvimento ou crescimento económico sem a criatividade das pessoas que vivem ou trabalham nesses lugares. O tema é, pois, tão subgerente como necessário, também desde as próprias perspectivas de fazer políticas públicas, como é a finalidade da sua empresa. É ademais um bom encontro para ele próprio, pois se ia a falar de desenvolvimento de espaços insulares, e o Sr. Torres-Mayans vive isso com especial interesse, pois é originário da ilha de Formentera (Ilhas Baleares), e sabe bem dos constrangimentos da insularidade, das desvantagens, mas também das vantagens de viver e desenvolver-se numa ilha.

Xavier Muñoz-Torrent agradece ao anfitrião a amabilidade da empresa *Planifica* em prestar a sala de reuniões da sua sede para celebrar a tertúlia, e confessa ter optado a Associação Caué por aceitar o seu convite, pela razão essencial que procurava-se expressamente para o ato tratar o desenvolvimento das artes na dimensão económica

e também como elemento de desenvolvimento (ou, como mínimo avaliar se é assim no caso santomense), e, para isso, celebra-la na sede de uma empresa especializada na planificação estratégica e avaliação de políticas públicas é especialmente pertinente. Mais ainda com o conhecimento do Sr. Torres-Mayans sobre as condições do desenvolvimento social e econômico dos espaços insulares, onde, provavelmente, é mais evidente o sentimento ou a percepção de pertencência territorial.

Xavier Muñoz apresenta ao *tertuliano* invitado, o santomense, Sr. Olavo Amado, ressaltando os aspectos mais destacados do seu histórico profissional, como o fato de ser, além de artista plástico consolidado (profissional i dedicado exclusivamente às artes desde o 2002), colaborador na gestão de atividades da Galeria *Teia d'Arte*, de São Tomé, e da *Casa das Artes, Criação, Ambiente e Utopias (CACAU)*, sediada na mesma cidade [convida aos presentes interessados a consultar a historia profissional do Olavo Amado em internet e também os enlaces referentes aos sites dessas entidades]. Interessa, pois, o Sr. Amado como um dos protagonistas direitos do movimento artístico santomense; como artista plástico, mas também como dinamizador, gestor e comissário de exposições, e também ultimamente como professor de jovens promessas.



Olavo Amado frente às suas notas e um bocadinho de tecnologia (Foto: Isidor Torres)

As artes santomenses em imagens. Uma escolha particular

Com tudo, antes de ceder a palavra ao invitado, Xavier Muñoz explica que a visita a Barcelona de Olavo Amado foi uma magnífica ocasião para revisar com alguma profundidade a evolução das artes plásticas em São Tomé durante os últimos 20 anos. Nesse sentido propus-se, por tanto, solicitar a participação do distinguido visitante num um ato dedicado a difundir e debater esse tema com os entusiastas amigos de São

Tomé e Príncipe e de África em geral, em Barcelona (alguns deles bons consumidores da boa arte e do bom artesanato feitos em São Tomé). E também com a intenção talvez de relacionar o movimento artístico com o desenvolvimento de um novo setor econômico em matéria de criatividade.

De fato -salienta Xavier Muñoz-, nesses 20 anos tem-se desenvolvido em São Tomé e Príncipe um movimento artístico notável, estruturado principalmente ao redor da organização desde 1995 de uma Bienal de Arte e o estabelecimento de uma Galeria – a *Teia d’Arte*, a única realmente profissional nesse país-, para finalmente cristalizar no surgimento de um importante centro de arte, o que veio a chamar-se a *Casa das Artes, Criação, Ambiente e Utopias (CACAU)*, que ocupa uma antiga nave industrial de uns 2.000 m² úteis (anteriormente dedicada a oficinas mecânicas dos transportes públicos), perto da antiga estação de comboios (atualmente sede da Santa Casa da Misericórdia), da área da Alfândega da Baía de Ana Chaves e do Forte de São Sebastião, sede do Museu Nacional.



Apresentação do ato com a escolha e comentário de imagens (Foto: Isidor Torres)

Também é preciso destacar de entrada que no movimento artístico santomense há um personagem indispensável, que está presente em quase todas as suas fases, e que determinará em grande medida a evolução desse movimento: o João-Carlos Silva. João Carlos Silva, escultor naturalista por vocação e membro da inicial Associação Profissional dos Artistas Plásticos de São Tomé e Príncipe, foi o criador e gestor cultural tanto da *Teia d’Arte*, como do que foi chamado *Centro Internacional de Arte e Cultura (CIAC)*, funcionando na Roça São João (distrito do Caué) como centro de estágios de artistas; como da nova CACAU. Na atualidade é conselheiro da Presidência da República em matéria de cultura, ainda que já no anterior mandato fosse considerado como “embaixador da cultura” de São Tomé.

Mas o movimento artístico contemporâneo santomense tem origens profundas, que Xavier Muñoz perfila, tanto na expressão da cotidianidade, como na recuperação dos motivos tradicionais, como no ensaio de novas formas de expressão; tanto em relação à perfeição de técnicas como na experimentação de novas tecnologias e de novas formas de fazer arte ou dos materiais utilizados (por exemplo, na reutilização de materiais e de resíduos metálicos, plásticos, etc; por tanto, também com uma clara vocação sustentabilista).

Muñoz propõe apoiar o debate na visualização de uns poucos exemplos da produção artística santomense (pintura e escultura), a modo de introdução, à vez que permitirá poder revisar rapidamente as diferentes etapas desse movimento (as origens, as gerações, o futuro...), para ter um bocado de idéia certa sobre o que representa realmente essa produção; também em termos de crescimento cultural, criativo, e por tanto, desentranhar qual é a sua contribuição na possível vertebração de um setor econômico claro. Os exemplos são apresentados numa projeção de um documento *powerpoint*, que confessa Muñoz, ter improvisado nos dias antecedentes e que, por tanto, estará ainda por completar, pois é apenas a escolha que ele faz é com os materiais gráficos disponíveis no fundo fotográfico da Associação Caué e do que também há em internet e nas redes sociais, e, por tanto, muito condicionado e, decerto, incompleto.

Com tudo, apresenta uma coleção de umas 80 diapositivas com imagens de obras de arte de uma trentena de criadores, e de outras instantâneas para identificar alguns dos protagonistas da história. Esses materiais servem tanto a Xavier Muñoz como a Olavo Amado e a outros dos presentes para comentar a evolução da Escola santomense e a sua riqueza como movimento criativo.

Muñoz deduz uma primeira classificação de, ao menos, 6 gerações, que sintetiza em 5 grupos, dos quais assinala os que os conformavam, e também nalguns os que denomina “*outsiders*”, não menos considerados:

- ✚ 2 Gerações pré ou antecedentes:
 - Anos 1940-50 (?) - SUM CANARIM (naïf),
 - Anos 1970-80-90 - PROTÁSIO PINA (realismo, naif, novas tendências...)
- ✚ I Geração: os instigadores, os pioneiros:
 - JOÃO CARLOS SILVA,
 - NEZÓ, OSVALDO REIS, ZELITO CUNHA, ESTANILAU NETO, LITOS SILVA, LEONEL VARELA...
 - *Outsiders*: JESUS QUARESMA, FÉLIX RENNER, ANSELMO AMADO, ZÉMÉ, ARMINDO MACHADO...
- ✚ II Geração:
 - EDUARDO MALÉ, ISMAEL SEQUEIRA, GUILHERME CARVALHO,...
 - *Outsider*: VALDEMAR DÓRIA
- ✚ III Geração:
 - RENÉ TAVARES, KWAME SOUSA, GEANE CASTRO, ADILSON CASTRO, OLAVO AMADO, ARMINDO LOPES, TIVÓ, EDILSON CHONG, EVA TOMÉ,...
- ✚ IV Geração:
 - ALEX KELLER FONSECA, DIO LIMA, OLIE RIBEIRO, SARA LUIZ DE CEITA, NUNO PRAZERES, CATITA DIAS...

Também se expõem algumas datas-chave para entender essa progressão:

- Anos 90 – Criação da Associação Profissional dos Artistas Plásticos Santomenses (AAPLAS), que reúne os primeiros profissionais
- 1992 – Participação ativa dos artistas no pavilhão nacional na Expo de Sevilha.
- 1995 – I Bienal (a última, a V, foi no 2011) – estruturação do CIAC: Teia d’Arte (primeira e única galeria profissional e atelier). Desde esse ano a Teia d’Arte irá oferecer uma programação constante de exposições e eventos culturais.
- 1998 – Estágios na Roça São João (Angolares) – Vinculação do movimento com a recuperação do património arquitetónico e a proteção do ambiente.
- 2004 – “Noites crioulas” na Teia d’Arte (com um jantar, exposições e manifestações artísticas, tais como poesia, música, dança e teatro), única atração cultural organizada durante as noites de verão para visitantes na capital do país.
- 2008 – Obertura do novo centro de arte contemporânea, com ocasião da IV Bienal.
- 2010 – Inauguração oficial do CACAU, com programação mensal e centro de formação artística e de comercialização de arte e artesanato de qualidade.

Algumas constatações de entrada e algumas questões

STP tesoura neste momento um bom grupo de criadores, no campo da expressão artística, que dá e propõe conteúdos estéticos, alguns deles de altíssima qualidade, e que, no geral, se manifestam em todas as facetas das artes. Que não se trata –como tem-se visto nas imagens apresentadas- de um ressurgimento da arte étnica ou tribal (pois em São Tomé pouco se deu disso ao conformar-se como um “entrepósito de escravatura”, onde a gente era sistematicamente aculturizada), senão de um movimento que cria arte nova, que pouco a pouco se dedica a uma dimensão universalizante, com leituras africanas da vida e do mundo, mas de temática universal.

Isso também é palpável no desenvolvimento paralelamente de artesanato de qualidade, mesmo até o ponto de ser às vezes difícil distinguir entre onde acaba o artesanato e onde começa o arte. [Isso dá pé a um debate que pode não ter fim, especialmente quando a seriação do artesanato pelo motivo da sua boa comercialização no mercado turístico,... tem feito diminuir consideravelmente a qualidade do produto a cotas de considerá-lo meras peças de souvenir].

O movimento artístico faz que a criatividade de São Tomé e Príncipe transcenda do próprio país –já per se dado à internacionalização, pela sua condição microestatal-, tem já uma projeção internacional, mesmo além do âmbito dos países lusófonos, e que as obras dos artistas santomenses se tenham exposto já nos principais centros em Barcelona, Madrid, Marselha, Paris, Amsterdão, etc, e vendidas a preços de mercado internacional.

Isto faz pensar na geração de um novo pólo de desenvolvimento, de uma nova economia baseada naquela criatividade, que necessariamente tem uma ligação com a sustentabilidade econômica daquelas pessoas e das suas famílias.

Uma criatividade que se manifestou no programa de televisão (com capítulos de apenas 10 minutos de duração, dedicado à riqueza gastronômica santomense e ao patrimônio), realizado por João Carlos Silva para a RTP e reemitido depois, por causa do seu sucesso, a outros países lusófonos: “*Na roça, com os tachos*”. O programa permitia visualizar como nunca essa capacidade nacional na criação de conteúdos, além da cópia sistemática de outras tradições e não ligada necessariamente a nenhum outro setor. Em todo caso, o desenvolvimento de incipiente turismo o toma essa criatividade como um dos atrativos da sua oferta, mas decerto, a arte não é necessariamente subsidiária do turismo.

Nesta discussão há perguntas a fazer-se:

- Qual é realmente a importância destas atividades para a economia do país? Conformam (ou podem conformar) per se um cluster de atividade econômica?
- Qual é o futuro? Uma ilha dedicada ao desenvolvimento das artes contemporâneas africanas do século XXI? Uma universidade da arte?
- Com tal concentração de artistas... e o surgimento de novos, pode haver uma saturação do mercado nos próximos anos?
- Qual foi e qual é o papel das autoridades em incentivar este talento? Que valoração fazem os artistas?
- Como é a ligação com as outras economias locais? As artes de certo têm ligação com as tradições econômicas locais, porque mediatizaram a estrutura social, mas com a nova economia do petróleo? O ansiado crescimento do turismo pode ser positivo para o crescimento do talento criativo?
- Como se traduz a atividade artística em números? Qual é o valor produzido anualmente pelos artistas santomenses?

O testemunho de Olavo Amado

Olavo Amado explica que efetivamente tem consciência de formar parte ativa de um movimento artístico, ainda que, até agora, depois de repassar durante os últimos dias imagens e documentos com Xavier Muñoz, não fazia idéia da sua importância, não apenas em qualidade individual dos artistas, senão como grupo que transcende a um movimento. Muito provavelmente essa idéia não se pode apreciar bem desde dentro, pelos próprios protagonistas da cena, senão fosse por outras pessoas, por acaso de longe, que apreciam as artes (como o pessoal reunido para essa tertúlia). Por tanto, para ele foi extremadamente interessante participar da sessão, e também dar uma ajuda ao Xavier Muñoz a ajustar datas e atores dessa *grande* história, que foi e é o movimento artístico contemporâneo em São Tomé, muito ligado a “escola” da *Teia d’Arte* (ainda que, como o Xavier mostrou, há *outsiders* não tão estreitamente ligados a matriz da Teia). Para Olavo Amado, a *Teia d’Arte* é a verdadeira origem articuladora da escola santomense, e João Carlos Silva o maior instigador, *viabilizador*, a pessoa

que tem a mente mais aberta, mas clara, para ver o futuro e as possibilidades profissionalizadoras das artes em São Tomé.

É importante entender a Bienal como um dos pontos de partida (de ordem, de coesão) desses primeiros artistas, além da Associação anterior, e a *Teia d'Arte* o lugar de referência da escola e do mercado das artes plásticas. Muito provavelmente por um primeiro estímulo financeiro e a visualização clara que as artes podem ser um campo de profissionalização, com dedicação ao 100%, dos artistas, assim economicamente sustentável para eles e suas famílias. Olavo afirma que ele dedica-se plenamente à criação artística e aos eventos culturais desde 2002, e que disso vive a sua família. Que com o tempo ele pode dizer que um artista consolidado pode viver bem (mesmo, muito bem) em São Tomé. De fato, o nome *Teia d'Arte* não é banal: é uma pensada mistura entre “teia” (a da aranha, como uma rede, como uma tela tênue, leve, ainda pr'a tecer, para manter) e “arte”; por tanto, é um novo conceito de rede, de vinculação, mas também com o negócio da arte e a criação de um sério setor econômico. O tempo está a dar relevância a esse projeto além das veleidades pessoais do seu máximo feitor.

Olavo apresenta a visão universal da proposta santomense, talvez pela sua condição de microestado insular, onde as fronteiras do país sempre estão a tocar, sempre estão na escala humana. Ao menos, pelo que a ele interessa, a ilha fica pequena, pois o conhecimento e o mercado são para ele já universais. É preciso movimentar essa arte, essa escola santomense além da sua primeira escala, para atingir outros “desafios”, entre outras coisas porque é preciso apanhar mais visões da expressão artística, mais contrastes de métodos e opiniões, e também mais mercado. O mercado da arte santomense não pode em deve depender dos visitantes, senão que se deve exportar. De fato, para Olavo a sua arte e a dos seus melhores colegas artistas é matéria de exportação pura.

Os seus inícios foram totalmente espontâneos. Já de criança, no Riboque¹, gostava desenhar quando tinha oportunidade, quando tinha papel e qualquer coisa para garabatear. Mas especialmente lembra-se do “desafio” lançado pelo João-Carlos Silva na sua época de estudante de liceu (secundária), para despertar a sua consciência sobre as suas possibilidades nas artes. Assim que decidiu ligar-se ao atelier da *Teia d'Arte* para consagrar-se à profissão de artista plástico e mostrar as suas primeiras criações. Depois, seguiram os programas de formação que o “laboratório” da *Teia d'Arte* ia organizando com professores que vinham de outros países africanos como do Senegal (Seyni Gadiaga) ou de Brasil (Jefferson Paz), ou mesmo de próprios santomenses já formados em belas artes, como Eduardo Malé ou Ismael Sequeira. Ele –como os seus colegas de geração- evoluiu a base dessa formação que traziam as técnicas de domínio das formas e das cores, que os proto-artistas santomenses aplicariam nas suas obras, e depois transmitiriam às gerações seguintes. Detrás da organização dessas formações havia sempre a mão de João Carlos Silva, cada vez mais decantado ao papel de gestor cultural que de artista. O papel de João Carlos Silva na formação, na conjunção desse movimento é, por tanto, fundamental.

Mas a evolução artística deve estar ligada com a sustentabilidade econômica. Olavo fala que nesta altura há ainda pouca consciência generalizada na sociedade santomense sobre o verdadeiro valor das artes plásticas. De fato, considera que a convivência cotidiana com as peças de arte é uma mostra de maior qualidade de vida, pois a

¹ Bairro ou freguesia do distrito da Cidade de São Tomé (Água Grande).

estética ajuda a viver e a evoluir. Com tudo, nesta altura, a sociedade santomense, na sua imensa maioria, não tem capacidade financeira para adquirir obras de arte e a classe com meios normalmente dá mais valor a obras que vem de fora, de qualidade muito menor, que à produção nacional. Não tem realmente cultura artística e se movem por modas, e é preciso insistir nisso tanto ao nível da educação primária e secundária, como também nos meios de comunicação (que já fazem muito), e, claro, reclamar mais apoio da Administração Pública, que nestes últimos governos não presta quase nada.

À palestra salta uma pergunta relacionada com essa última apreciação, que faz a Sra. Lídia Gil (representante do *Espai Àfrica-Catalunya*, de Barcelona): como o Estado santomense patrimonializa essa riqueza artística, esse talento? Olavo é taxativo: de momento o Estado não patrimonializa nem riqueza nem talento, ou como mínimo não se planeou nenhuma patrimonialização das artes plásticas desde o setor público. A iniciativa nas artes sempre foi privada. O Estado, com certeza, se beneficiou das atividades desses cidadãos artistas em momentos que precisou deles, como a participação de São Tomé e Príncipe nas Exposições Universais, ou no momento de criar algum tipo de cenário para atender a chegada de visitantes ilustres, ou talvez em fazer mais decente alguma praça com esculturas (mais de tipo étnico) ou murais. Mas não se pode considerar que haja neste momento nenhuma política clara ao respeito de patrimonializar o talento artístico. Por exemplo, nenhum governo pensou ainda na criação de um Museu Nacional de Arte Contemporâneo (no qual –está certo Olavo– os artistas santomenses cederiam as obras que fossem precisas para materializar essa patrimonialização) e muito menos ainda numa escola superior de belas artes.

Olavo adiciona a isso que, sabendo como estão as finanças públicas do seu país, os artistas não estão a esperar grandes investimentos em arte por parte dos organismos da República. Com todo, sim esperam políticas que facilitem e melhorem o seu desenvolvimento profissional, entre outras aquelas que reconheçam formalmente a importância do setor artístico como um bem público. Ele põe o exemplo na necessidade de implantar uma Lei do Mecenato que ajude a desenvolver o mercado da arte e à sua valorização pelos próprios nacionais, empresas e pessoas individuais com certo poder aquisitivo; uma Lei que dê benefícios fiscais às empresas que investam em arte ou que doe arte ao Estado.

Oswaldo Vera Cruz Cunha toma a palavra para dizer que nem sempre foi assim, pois ele lembra perfeitamente a ação da Direção de Cultura nos anos 80, e muito especialmente a figura do seu diretor, o Sr. João Penetra, e a sua equipa, alentando, animando os estudantes a fortalecer, a experimentar os seus conhecimentos artísticos, em todas as artes (não apenas em desenho, pintura ou escultura), como parte tão necessária para a sua educação como as matérias mais clássicas. Também para o bem do país, para expressar coisas, para permitir entender de forma pedagógica ao resto do povo as mensagens de ordem comunitária. Era o tempo da arte expressada em grandes murais com finalidade instrutora, em campanhas de saúde ou de ensino, ou mesmo relativos a “*augmentar a produçã*o”. De fato, Oswaldo Cunha acredita que o movimento artístico começa a tomar forma já desde então, também em recuperar as raízes africanas da cultura, a dignificá-las: é o tempo da popularização do *Bulauê*, quase até atingir o *status* de música representativa de São Tomé, e da catalogação dos bens artísticos móveis, organizando o Museu Nacional como um memorial histórico, conservando aí as peças mais importantes das igrejas e das administrações das roças. Oswaldo lembra o tempo dos artistas com bolsa para

Europa ou Cuba, como o seu próprio irmão Zelito Cunha, que se tinha iniciado como pintor e desenhador, que acabou atingindo a licenciatura de arquitetura.

Xavier Muñoz também lembra o caso de Nezó (que profundizou nas belas artes e na música), ou também o de Ângelo Torres (ator, conta-contos e agora já afamado diretor de cinema, com alguns prêmios internacionais nas suas costas), formados em Cuba. E claro, lembra muito de João Penetra, como anfitrião que foi no 1986 do grupo de pesquisadores espanhóis da Fundação CIDOB (Centro de Estudos e Documentação Internacionais de Barcelona) que estagiou na ilha de São Tomé (entre os que se encontrava o próprio Xavier Muñoz), ainda que nessa altura fosse mais insistente na música e na dança que nas outras artes.



Xavier Muñoz-Torrent, Olavo Amado e Osvaldo Cunha durante o debate
(Foto: Isidor Torres)

Osvaldo Cunha acha que se não fosse pelo afastamento de João Penetra do cenário político nacional –foi finalmente destinado como adido cultural na Embaixada em Lisboa, a finais dos anos 80, depois de sofrer um infeliz acidente-, muito provavelmente a história do desenvolvimento das artes em São Tomé houvesse sido outra, com muito mais envolvimento do Estado.

Como resposta à pergunta sobre quais são então os clientes habituais, Olavo responde que há nomeadamente três:

- ✓ O Estado, ainda com uma idéia muito utilitarista da arte, por exemplo, em reclamos publicitários dedicados à prevenção SIDA ou outras doenças principalmente em aspectos como murais populares, encomendas eventuais, imagens nas notas de banco e selos postais, algumas esculturas... De fato, sempre com um conceito também muito introspectivo, pois as encomendas sempre preferem motivos tradicionais (evocativos das tradições), pouco alegóricos, rejeitando em todo caso os motivos de crítica política (crítica que se aceita, mas que acaba por não expor-se)...
- ✓ Ultimamente também instituições privadas: entidades bancárias, seguradoras, empresas de comércio que quer dar imagem moderna,

escritórios de cooperações internacionais, de ONG, etc,... Também hotéis e estabelecimentos de restauração [Xavier Muñoz lembra as pinturas de Eduardo Malé no Café & Companhia, que evocou em um dos seus artigos², e alguns outros participantes dos murais naïf em restaurantes como o Esconderijo de Ganda ou Casa Nanda],...

- ✓ Os visitantes estrangeiros (cooperantes incluídos) e os santomenses na “diáspora”, especialmente aqueles que têm alguma noção sobre arte ou tem um sentido estético (e tem poder aquisitivo suficiente para pagar os preços dos melhores e cultura da estética, opinião formada sobre o gosto próprio, coisas que a maioria dos santomenses infelizmente não tem, nem um nem outra).

Talvez a proporção de ingressos do setor esteja a seguir também essa estrutura.

À pergunta sobre os números, Olavo fala que o mercado das artes é principalmente informal e, por tanto, não há cifras oficiais sobre quanto se fatura. De fato, apenas se fatura quando a transação é com o Estado, ou quando o cliente deseja fatura. Quando a transação é com o Estado há uma retenção de um 20% sobre o preço final estipulado, que inclui as taxas. Com tudo, a pesar da falta de cifras, ele está certo que as artes plásticas para o país devem representar um dos setores mais florescentes da sua economia (especialmente em termos da proporção do seu crescimento). Com tudo também, afirma que falar de dinheiro é sempre delicado...

[Xavier Muñoz calcula que, segundo alguns cálculos feitos sobre a base dos preços solicitados e da sua meia, na sua última viagem, e considerando os 20-25 artistas, considerando também a atividade cultural na *Teia d'Arte*, CACAU e Roça São João, os ingressos anuais direitos do setor devem rondar um mínimo de 500.000€].

Oswaldo Cunha opina que o fato dessa pouca consciência artística se está a superar pouco a pouco, pois a “gente normal” tende a considerar os membros do movimento da *Teia d'Arte* como uma nova “elite”, e isso faz mudar a idéia que se têm sobre esse setor, especialmente os jovens. Começa a haver um halo de idealização dos artistas influentes. Xavier Muñoz adiciona que, além disso, os eventos artísticos e os artistas santomenses em geral têm-se acompanhado de muito *glamour*, já seja pelas originais festas e atos organizados pela equipa de João Carlos Silva e os seus engraçados programas televisivos, já pela vida dissoluta e expressamente excêntrica dalguns dos artistas, misturando-se nos eventos ou nos sítios de encontro com a colônia de cooperantes, voluntários e turistas, dando contínuas mostras da sua “genialidade”. [Com tudo, adiciona que esse curiosamente não é o caso de Olavo Amado, que é talvez o menos glamuroso e o mais disciplinado na profissão, e também um dos mais enfocados ao mercado].

Olavo Amado responde a isso que é certo e que esses atrativos, além das necessárias aptitudes pessoais para a expressão artística, também têm influenciado muito em trocar a imagem do setor, a elevar a imagem, e a incentivar que a escola não só se mantenha, senão que haja aparecido um contínuo de novas gerações de artistas. Por tanto, o futuro é promissor desde o ponto de vista da criatividade, ainda que também seja certo que ao nível nacional (insular) com o aumento quantitativo de “criativos”, dessa forma que como mínimo cada decênio aparece igual número de artistas (ou futuros artistas), pode-se correr o risco de saturação do mercado. Isso especialmente

² Vid o artigo MUÑOZ-TORRENT, Xavier, “Café & Companhia, kê kuá?”, em *Correio da Semana*, São Tomé, 3/10/2007.

se não se cuida a qualidade do que se está a vender e senão se tem claro qual é a projeção do mercado do arte nacional. A Olavo lhe preocupa que a cópia sistemática (mesmo o plágio) e a seriação possam dar uma imagem negativa do movimento artístico santomense, que a coisa derive perigosamente em direção a qualquer coisa parecida a um mercado de *souvenirs*. Isso já está a acontecer com o artesanato e agora também pode acontecer com a pintura e a escultura artística e que, por tanto, pode deixar de ser arte. Ele está certo que isso não acontecerá nunca ao redor da galeria *Teia d'Arte*, nem do CACAU, nem das atividades na Roça São João. Com tudo, nisso é o mercado o que manda.

Olavo Amado faz especial ênfase na internacionalização do mercado. Não deve haver nenhum medo à saturação se a projeção do movimento santomense, com tão boa saúde, é em direção ao exterior (matéria clarinha de exportação, pois, a considerar-se como tal) e se mantém o bom nível de ascensão na qualidade e na inovação das criações.

Como resposta à questão sobre a relação com os outros setores da economia santomense, Olavo fala que ele pinta o que vê. Não por acaso ele é o autor que melhor immortalizou a atividade da Feira do Ponto, que é o comércio informal da Cidade de São Tomé. Xavier Muñoz expõe que especialmente na pintura o movimento artístico santomense é particularmente urbano, muito relacionado com as atividades da cidade (as palaiês, as vendedoras, os motoqueiros, etc)... Com tudo, Olavo confessa que –pelo que já tinha dito sobre os compradores- há uma relação com os visitantes e os turistas, pois eles, se têm a oportunidade de visitar a Teia d'Arte ou agora a CACAU, se surpreendem da originalidade das obras santomenses em comparação com o que encontram em outros países africanos ou mesmo dos Caraíbas de América, e que o turismo tem expandido o mercado. Mas pode assegurar que isso serve principalmente para os mais novos, mas quando a obra vai consolidando-se, como acontece com os das gerações mais velhas, as compras já no dependem tanto do turismo, senão da projeção exterior. Por tanto pode dizer que o setor do arte de qualidade em São Tomé não é subsidiário do setor do turismo, mantém uma independência e poderia ter mais, se os próximos passos são no sentido de converter São Tomé num lugar de estúdios para artistas e um lugar para formação de artistas. Ele acha que, a pesar das interdependências com o turismo, as artes têm o seu setor próprio, um caminho traçado diferente das atividades turísticas. Por tanto, deve ser considerado como um *engenho* da economia local, é pode ser um cluster.

Sobre arte e artesanato, efetivamente pensa que as fronteiras são difusas em São Tomé. Há magníficos mestres artesãos que fazem arte, e também a eles se lhes deve considerar como artistas [como podem ser os mestres marceneiros, como Félix Renner, que é um magnífico escultor, ou mesmo o mestre dos embutidos em madeira, o Felisberto Manuel]. De igual forma que alguns dos artistas melhor considerados, como Eduardo Male, também fazem móveis e utensílios de uso doméstico, sempre sem perder a originalidade que os transforma em belas obras de arte (ou arte da cotidianidade). São Tomé tem também artesãos e artesanato de qualidade, que provoca esses equívocos. Com tudo, o artesanato, muito ao seu pesar, tem-se desviado muito da qualidade de anos atrás e a confusão entre arte e artesanato agora não é tanta. Xavier Muñoz opina que muito provavelmente deveria-se vigiar essa qualidade, com algum tipo de garantia oficial de qualidade, porque, segundo a sua impressão, em geral e salvo exceções, a qualidade da oferta de artesanato dista muito de poder-se considerar arte.

Xavier Muñoz adiciona a isso que isso é um discernimento permanente nos cursos introdutórios da história do Arte o das belas artes: que coisa deve ser considerada como objeto de arte? E a resposta não é fácil. Com todo, há elementos que ajudam a distinguir claramente, por exemplo: a característica de levantar atração do gosto, de não deixar indiferente; de incorporar mensagens subliminais ou através da invenção de iconografias próprias dos autores ou das correntes artísticas, a incorporar uma mensagem à estética. Por exemplo: os “labirintos” de Olavo Amado, ou os “pregos” e as “cócegas” de Eduardo Male, mas mesmo também nas transmutações africanas das esculturas de Félix Renner, de imagens apanhadas dos clássicos fotografados em velhas revistas de arte.

À pergunta sobre quais artistas santomenses ele considera que estão no “top” nesta altura –a parte ele próprio, claro-, Olavo acha que os melhores, pelo domínio das técnicas e a originalidade das propostas, são Eduardo Malé e René Tavares, com toda certeza. Eles são talvez os mais inovadores, os mais inquietos, e talvez estejam já a criar as suas próprias escolas.

Sobre o futuro, insiste que neste momento está perfeitamente assegurado. Que os novos criadores estão também a vislumbrar boa qualidade, ainda que, como acontece com todos, mesmo com os consumados mestres das artes, precisam de formação e também de abrir portas, de sair ao mundo, porque as idéias e os conceitos não são apenas os fechados dentro das costas de São Tomé e Príncipe, nem apenas nas antigas tradições ou nas imagens tópicas, senão em partilhar propostas com o mundo e os artistas do mundo... Que isso é o que ele faz: investir parte dos seus ingressos em sair fora, tentar expor lá (em Europa, em outros lugares de África, também no Brasil...) e também criar lá, apreender lá, com as novas visões que lá apanha, misturado com as evocações saudosas das suas ilhas, e também de sonos,... como base da inspiração que deve trazer a melhor criatividade e a maturação mesma do artista.

Carmen Carrera (membro da junta da Associação Caué) dá os seus parabéns aos intervenientes no debate pelo conhecimento levantado durante a sessão, apontando a sua satisfação por saber que o seu investimento em arte santomense, nos inícios deste século, ficou notavelmente revalorizado! E isso se compreende ainda melhor (surpeende!) ao ver a dimensão do movimento no seu conjunto, ao menos com o património imaterial do savoir faire em evolução dessa trupe de artistas santomenses, alguns deles já começam a ser parte da história africana das belas artes. E com certeza, também a criar um setor independente, evidentemente importante desde o ponto de vista económico.

Conclusões e, talvez, propostas, à luz do debate

1. A atividade artística em São Tomé tem-se desenvolvido de tal maneira que hoje pode-se, sem nenhuma dúvida, considerar-se como um movimento notável, uma escola de primeira linha. As artes santomenses bandeiram com selo próprio as propostas artísticas africanas.
2. Esse fato precisa de reconhecimento oficial da Administração pública santomense, com a necessária patrimonialização do talento e do legado dos melhores artistas, talvez em forma de dispor de uma coleção de propriedade

pública e a sua exibição num Museu Nacional de Arte Contemporânea, ou da organização de uma escola superior de arte.

3. A evolução das artes plásticas e a sua cota de mercado (interior ou exterior, formal ou informal) estão a conformar um setor económico a considerar seriamente na estratégia de desenvolvimento de São Tomé e Príncipe. E isso muito especialmente porque nesta altura é independente de outros setores e pode ser complementar a determinados modelos de economia sustentável, por exemplo, com determinados modelos de turismo, como um elemento *per se* de evidente atração de visitantes e de valorização e projeção do país, já seja com motivo de uma excelente bienal (original, inovadora, que reúne uma boa malta internacional, plural, um encontro...), já seja como lugar de estágios artísticos individuais ou pela organização de cursos ou programas de formação (isso mais orientado a público africano).

A sessão finaliza às 21 h e as conversas prosseguiram num jantar informal que celebrou-se em um restaurante de Grácia para todos aqueles que desejaram participar.

Resumen do tratado, por Xavier Muñoz-Torrent

ANEXO

Documento *PowerPoint*

“Arte contemporânea em São Tomé. Economia da criatividade”, escolha de Xavier Muñoz-Torrent (2012)

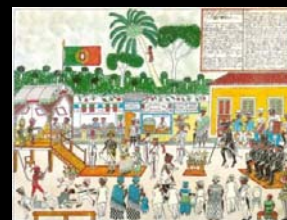
Arte contemporânea em São Tomé e Príncipe



Economia da criatividade

Escolha de Xavier Muñoz-Torrent
2012

Sum Canarim (Pascoal Viegas Vilhete)



Tchiloli
? (anos 50?)
Desenho naïf sobre papel (?)
Museu Nacional de São
Tomé e Príncipe

Protásio Pina



Rei Amador
1979
Desenho para nota de banco
(detalhe da nota)
Coleção Banco Nacional de
São Tomé e Príncipe

Protásio Pina



Retrato de Mário Soares
1986
Óleo sobre tela
Fundação Mário Soares,
Lisboa

Litos Silva



Palaiê
1993(?)
Óleo sobre tela
Coleção particular

João Carlos Silva



Sem título
1995 (?)
Bambú pintado a preto com
decoreação por incisão
Coleção particular

João Carlos Silva



Sem título
1995(?)
Tronco de almoeira pintada
Coleção Roça São João

Nezó



O vendedor de peixe
1995(?)
Óleo sobre tela
Coleção particular

Nezó



Corpo de rapariga
1995(?)
Óleo sobre tela
Coleção particular

Litos Silva



Nostalgia
1996
Óleo sobre tela
Coleção particular

Leonel Varela



Mulheres
1996 (?)
Óleo sobre tela
Coleção particular

Estanislau Neto



A mãe
1997
Óleo sobre tela
Coleção particular

Estanislau Neto

A donzela
1998
Óleo sobre tela
Coleção particular



Nezó

Bandu (O rapaz do aro)
1998 (?)
Óleo sobre tela
Coleção particular



Nezó

Janela ao mundo
2002
Mural
Ruas da Cidade de São Tomé



Nezó

Peixe e tambores
2002
Óleo sobre tela
Coleção particular



Zémé

Mulher
2002
Escultura em madeira
Coleção particular



Armindo Machado

Praias e pescadores
2002
Mural
Coleção particular



Armindo Machado



O grou
2002
Escultura com materiais
diversos
Coleção particular

Oswaldo Reis



Palaiê
2002
Óleo sobre tela
Coleção particular

Anselmo Amado



Heróis
2002
Escultura em madeira de
almoreira vermelha
Coleção particular

Guilherme Carvalho



Natureza morta
2002
Óleo sobre tela
Coleção particular

Felisberto Castilho



Sem título
2002
Óleo sobre tela
Coleção particular

Felisberto Castilho



Tchiloli
2002
Óleo sobre tela
Coleção particular

Félix Renner



Mulher grávida

2002

Escultura com madeira de
almoreira
Fundo do Autor

Félix Renner



Mulher com criança

2003

Escultura com madeira de
almoreira
Fundo do Autor

Tivô



Cabeça careca

2003

Escultura com osso de baleia
Coleção particular

Adilson Castro



*Sem título
(O angelus?)*

2004

Acrílico sobre tela
Coleção particular

Eva Tomé



Sem título

2004

Acrílico sobre tela
Coleção particular

Olavo Amado



*Feira do Ponto
(Série Feira do Ponto)*

2005

Óleo e acrílico sobre tela
Coleção particular

Guilherme Carvalho



Mãe e filho
2005
Técnica mista sobre tela
Coleção particular

René Tavares



*Le jardin
(ou As bananas)*
2005
Acrílico e óleo sobre tela
Coleção particular

Armindo Lopes



*Sem título
(Os cães)*
2005
Madeira e pregos de ferro
Fundo do autor

Edilson Chong



Sem título
2006
Óleo sobre tela
Coleção particular

Geane Castro



Peixe andala
2006
Escultura de metais
recicladados
Alfândega de São Tomé

Olavo Amado



Puíta
(Série Feira do Ponto)
2006
Acrílico sobre tela
Coleção particular

Olavo Amado



A conversação
(Série *Feira do Ponto*)
2006
Acrílico sobre tela
Coleção particular

Kwame Sousa



Sem título
(Série *Tablões*)
2006
Técnica mista sobre madeira
Coleção particular

Olavo Amado



Mulheres a cor
(Série *Feira do Ponto*)
2006
Óleo e acrílico sobre tela
Coleção particular

Adilson Castro



A canoa
2006
Técnica mista sobre madeira
Coleção particular

Adilson Castro



O trotinete
2006
Técnica mista sobre madeira
Coleção particular

Eduardo Malé



Sem título 3
(Série *Bicicletas*)
2007
Óleo e acrílico sobre tela
Coleção particular

René Tavares

Lavadeiras
(Série Lavadeiras)
2007
Óleo sobre tela
Coleção particular



René Tavares

Terezinha de Jesus
(Série Lavadeiras)
2007
Óleo sobre tela
Coleção particular



Kwame Sousa

Rocinha
2008
Técnica mista
Coleção particular



Olavo Amado

Ponto em cores
2008
Técnica mista
Coleção particular



Eduardo Malé

*Por que me entrelaçam
assim?*
(Série Folha de andala)
2008
Escultura com folha de
andala
Fundo do autor



Jesús Quaresma

A palaiê
2008
Óleo sobre tela
Fundo do autor



René Tavares

Children playing
(Série *Children Playing*)
2009
Óleo sobre tela
Coleção particular



René Tavares

Ribouque City
(Série *Children Playing*)
2009
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Valdemar Dória

Cara sem título
2009
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Jesús Quaresma

O pilão
2009
Óleo sobre tela
Coleção particular



Eduardo Malé

Inconstant flag
2010
Fios de cisal e nozes de coco
Fundo do autor



Eduardo Malé

Fica entre nós
2010
Técnica mista sobre tela
Fundo do autor



Eduardo Malé

O pavão
2010
Técnica mista sobre tela
Fundo do autor



Eduardo Malé

O barração
(Série Bicicletas)
2010
Acrílico sobre tela
Fundo do autor



Olavo Amado

Descanso por merecer
(Série Feira do Ponto 2)
2010
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Olavo Amado

As tranças
(Série Feira do Ponto 2)
2010
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Olavo Amado

O caos
(Série Feira do Ponto 2)
2010
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Olie Ribeiro

Carlos Magno e Rinaldo
2010
Técnicamista sobre tela
Fundo do autor



René Tavares



O cortejo da Rainha
(Livro-Série Tchiloli)
2010
Desenho, tinta e aquarela
Ilustração para o seu livro

Geane Castro



Figuras femininas
2010
Escultura em metal
Coleção particular

Valdemar Dória



Landscape
2010
Acrílico sobre tela
Fundo do autor

Ismael Sequeira



Novas memórias
2010
Acrílico sobre tela
Fundo do autor

Catita Dias



Dentro e fora do horizonte
2010
Acrílico sobre tela
Fundo do autor

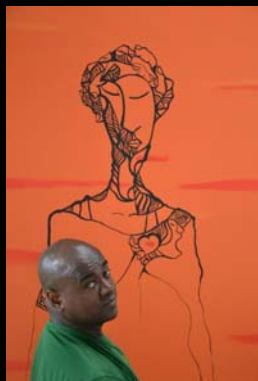
Dio Lima



Mulheres
2011
Acrílico sobre tela
Fundo do autor

Valdemar Dória

Sem título
2011
Acrílico sobre tela
Fundo do autor



Eduardo Malé

Cócegas do Golias
(Série Golias)
2011
Acrílico sobre tela
Fundo do autor



Eduardo Malé

Literatura com tachos
2011
Acrílico sobre manta de
retalhos
Coleção particular



René Tavares

Sem título
(Série Folklore Day)
2011
Técnica mista sobre tela
Fundo do autor



Álex Keller Fonseca

Maternidade
2011
Acrílico sobre trançado
Fundo do autor



Álex Keller Fonseca

A dormida
2011
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Sara Luiz de Ceita

Sem título
2011
Técnica mista sobre tela
Coleção particular



Olavo Amado

Rainha e dama do Tchiloli
(Série Labirintos)
2011
Acrílico sobre tela
Coleção particular



Eduardo Malé

O lagarto-martelo
2011
Fios de cisal e nozes
de coco
Fundo do autor



Nuno Prazeres

Composição
2011
Acrílico sobre papel
Fundo do autor



René Tavares

*Eu, ela e a câmara na
relva*
(Série Real vs Media)
2012
Técnica mista sobre tela
Coleção particular



A arquiteta, o artista, o geógrafo e a cooperante
Roça São João, Novembro 2000. Foto de Xavier Muñoz.
João Carlos Silva e Nora Rizzo à direita da imagem



Eduardo Malé em plena conversação

Lisboa, Atelier Aberto, Dezembro 2010. Imagem de Kris Haamer.
Os móveis de trançado de andala e o foulard, também são obra do artista



Adilson Castro trabalhando nas suas técnicas mistas

São Tomé, Teia d'Arte, agosto 2006. Imagens de Manuel Fernández-Martos



Olavo Amado no trabalho
São Tomé, Teia d'Arte, agosto 2006.
Foto de Xavier Muñoz



Valdemar Dória e Ismael Sequeira, com uma colega
Lisboa, Atelier Aberto, 2011. Coleção Dória



René Tavares e Kwame Sousa trabalhando num quadro a quatro mãos
São Tomé, Quintal da Teia d'Arte, 2008. Foto do CIAC-Teia d'Arte



Nuno Prazeres pintando ao fresco numa casa particular
Praia (Ilha de Santiago, Cabo Verde), 2011. Foto de Nuno Prazeres



Dio, Eduardo Malé, Ismaél Sequeira, Olavo Amado, Adelaide Gingo, Patrícia Corrêa, Guilherme Carvalho e Valdemar Dória
São Tomé, Praça Yon Gato, durante a Bienal 2011. Foto de CACAU



René Tavares
Lisboa, Dezembro 2011
Foto de Marta Lança



Nezô, descoberto pelo tenente Colombo
Marselha, França, 2002. Foto da coleção do Consulado de STP em Marselha



Festa-jantar na Casa das Artes, Criação, Ambiente e Utopias (CACAU)
São Tomé, abril 2012. Foto de René Tavares.



João Carlos Silva, o cozinheiro, lá na roça
Roça São João, fevereiro 2012. Foto de Maria João Guardão.

Associação Caué Amigos de São Tomé e Príncipe

www.saotomeprincipe.eu

assaue@saotomeprincipe.eu